

# Artigos



**Do Emissor ao Receptor: Um Caminho para a Significação**

*Beatriz Koppe*

**Jornalismo Opinativo, Ética e Democracia. A Importância da Opinião no Jornalismo Para o Aprimoramento Democrático**

*Emerson de Castro Firmo da Silva*

**Metáforas e a construção social das emoções**

*Vera Lúcia Bachmann e Denise de Camargo*

**Folclore e ideologia: a polifonia no folgado Bumba meu-boi**

*Antônio Nolberto de Oliveira Xavier*

## Artigo Corpo Docente

### Palavras-chave

Emissor-mensagem-receptor  
Condições de produção  
Contratos de leitura  
Vazios  
Interação

### Keywords

Emitter-message-receiver-  
Production Conditions  
Reading Contract  
Holes  
Interaction

### Biografia

\* Bacharel em Educação  
Religiosa – IBER – Rio de  
Janeiro  
Licenciada em Pedagogia -  
PUCPR

# Do Emissor ao Receptor: Um Caminho para a Significação

Beatriz Koppe\*

### Resumo

O processo de significação inicia muito antes de se colocar as primeiras palavras no papel e só se completa quando o receptor assimilar a intenção do autor. A visão deste se define já nas *condições de produção* e o *contrato de leitura* se estabelece quando o receptor assume essas condições. Por isso, no processo de comunicação, é visível o forte vínculo entre emissor-mensagem-receptor. Nessa relação, pretende-se mostrar as variantes terminológicas para autor e receptor, bem como possibilidades de se verificar uma intenção implícita e explícita na mensagem emitida. O receptor interage com o texto, mas precisa antes compreender os *vazios* deixados ali pelo autor e, assim, completar o processo de significação.

### Abstract

The signification process begins far before placing the first words on the paper and is completed when the receiver assimilates the author's intention. His vision is already defined at the *production conditions* and a *reading contract* is established when the receiver assumes these conditions. Whence, in the communication process, the strong link between emitter-message-receiver can be clearly seen. In this relation it is intended to show the terminological variants for author and receiver, as well as the possibilities of verifying an implicit and explicit intention on the emitted message. The receiver interacts with the text, but previously needs to comprehend the *holes* left by the author and, thus, complete the signification process.

### Agradecimentos

À colaboração dos amigos.

## Introdução

A relação emissor-mensagem-receptor deve receber atenção especial pelos estudiosos de comunicação. Muita atenção sempre foi dedicada ao campo da produção (emissor), porém, também o campo da recepção (receptor) passou a ser estudado minuciosamente. O jornalista e o publicitário, por exemplo, além de saberem o papel que exercem ao construir um texto, devem ter em mente o receptor, pois é nele que as mensagens provocarão efeitos ou não. O sentido que o receptor dá ao texto é próprio dele, mas o emissor pode antever uma possível significação. Por isso, reforça-se a atenção que se deve ter quanto aos diferentes recursos disponíveis na produção de um texto.

Nesta exposição, cita-se a teoria de Umberto ECO, Fausto NETO e Wolfgang ISER e, a partir deles, percorrem-se alguns dos possíveis “caminhos” na produção e recepção de um texto até chegar à significação. Tem-se, portanto, como enfoque o emissor, a mensagem e o receptor.

Faz-se um “passeio” pelo texto com a finalidade de mostrar como emissor e receptor atuam dentro dele, até chegarem ao seu objetivo final que é a significação e, conseqüentemente, a comunicação. O emissor é, por excelência, aquele que traça os caminhos em um “bosque”, seja ele ficcional ou não; e o receptor procura percorrê-los, usando de sua própria imaginação, até chegar ao sentido do texto.

Usando de uma terminologia correlata a emissor, mensagem e receptor, proposta

pelos diferentes autores, procura-se mostrar como o emissor depende das *condições de produção* para emitir determinada mensagem. No caso do “sujeito” receptor, mostra-se como se dá a interação entre texto e leitor até chegar a uma significação. Isso, através da teoria dos *vazios*, proposta por W. ISER em “a interação do texto com o leitor”.

O assunto é amplo e complexo, de modo que esta exposição apenas simula uma demonstração das questões estudadas por Eco, Fausto Neto e Iser. Na seqüência, abrange-se desde as *condições de produção ao contrato de leitura*, que podem ser identificados no interior do discurso.

## Das Condições de Produção ao Contrato de Leitura

Na construção da significação de qualquer texto, a noção de *condições de produção* e *contrato de leitura* contribui para a melhor compreensão da interação entre emissor e receptor. Compreendida essa interação, mais acessível será o “passeio” por entre os “bosques” textuais, isto é, a mensagem. Assim, busca-se dar sentido ao texto e construir a significação.

Entende-se por *condições de produção* as “situações vividas pelo sujeito”,<sup>1</sup> que permitem ou exigem que um emissor se muna de determinado código lingüístico e envie uma mensagem a um receptor. Toda uma gama de valores morais, sociais e religiosos pode movimentar e estimular esse sujeito a produzir uma mensagem a um receptor. O sujeito emissor, quer queira quer não, está preso a sua experiência de vida, dentro do mundo que o cer-

ca. Essa experiência constitui sua condição para produzir um discurso e se dirigir ao sujeito receptor. Em suma, as condições de produção do emissor e também as do receptor são designadas pelo contexto social em que ambos estão inseridos.

Estabelecida a relação entre emissor e receptor, forma-se um *contrato de leitura* que, segundo Fausto Neto,<sup>2</sup> se dá mediante “um conjunto de regras e de instruções construídas pelo campo da emissão para serem seguidas pelo campo da recepção”. Pressupõe-se que o emissor pertença ao mesmo grupo social do receptor e que o código que o primeiro lança seja compreendido pelo segundo. Deve, portanto, haver convivência quanto ao código usado na mensagem de um para o outro, para que o *contrato da leitura* se efetive. O emissor deixa, no entanto, um espaço para o receptor imaginar o trajeto que ele vai seguir na interpretação do discurso. Conseqüentemente, o receptor construirá o objeto discursivo a partir da sua própria noção do real, pois tanto o receptor quanto o emissor são motivados socialmente.

Quanto à mensagem, ou mais especificamente ao discurso, entende-se que ela é uma das mediadoras entre os dois pólos da comunicação: o emissor e o receptor. Para que o sujeito que produz a mensagem tenha êxito na sua transmissão, estipula determinado código, estabelece um objetivo e uma finalidade específica para a concretização da sua mensagem. Esta, no entanto, não é a única mediadora entre emissor e receptor. Também as *condições de produção*, designadoras do contexto social, são fortes aliadas na constituição da significação de um discurso. A mensagem em si

e as *condições de produção* contribuem, então, para que se estabeleça um *contrato de leitura* entre os dois entes da comunicação.

O vínculo entre emissor e receptor passa por dois movimentos fundamentais. Primeiro, o sujeito emissor constrói um discurso a partir de determinadas *condições de produção* e emite a mensagem a outro sujeito. Segundo, o novo sujeito, o receptor, interpreta a mensagem a partir de sua vivência do mundo e da experiência que adquiriu a partir dele.

O vínculo entre emissor e receptor é muitas vezes delicado. Inúmeros *vazios*, isto é, lacunas são interpostas na relação entre os sujeitos. Essas lacunas são encontradas tanto na produção quanto na recepção do texto, e precisam ser compreendidas para que o resultado desse vínculo seja a comunicação.

Ressalta-se que todo emissor deve ter em mente um possível receptor. É baseado nessa recepção que o emissor vai construir seu texto, seja ele visual ou não. Na verdade, ter uma imagem do leitor é condição básica para que o sujeito da emissão construa uma mensagem. Sem essa imagem não se poderia nem assumir determinado código. Então, quando o emissor tiver em mente o receptor, escolher o código e enviar a mensagem, meio caminho estará dado. Em outras palavras, um receptor sempre é construído pelo emissor, tornando-se parte do campo da produção. Isso não quer dizer, porém, que o receptor real será como o emissor o imaginou. Aí existem diferenças que se vê na seqüência desta exposição.

## O Emissor e o Receptor e suas Variantes Terminológicas

Em uma possível análise de texto, pode-se adotar os termos autor e leitor, explicitados e subdivididos por Eco em “*Lector in Fabula*” e “Seis passeios pelos bosques da ficção”, que substituem, respectivamente, os termos emissor e receptor.

Para ECO, existem dois tipos de autor e leitor. Especifica-se cada um deles, usando sua própria terminologia.

a. Autor: há o autor-empírico e o modelo. O autor-empírico é aquele que escreve a história e cria um leitor-modelo para o seu texto. Esse autor não apresenta tanta importância para Eco quanto o outro que nasce com o texto. O autor-modelo é aquele idealizado dentro do texto, é a voz, normalmente anônima, que conta uma história ou escreve um texto desde a primeira à última palavra. Essa voz é a que o leitor toma como modelo ao incorporar o discurso. O autor-modelo atua dentro do discurso para estimular a imaginação e produzir no leitor determinada reação.

b. Leitor: há o leitor-empírico e o modelo. O leitor-empírico é cada indivíduo no momento em que vai ler algum texto. Não existe uma regra de como ele deve ser lido. Cada indivíduo faz alusão a uma forma de leitura que pode depender, por exemplo, da experiência emocional

que esteja vivendo no momento. O leitor-empírico é entendido também como aquele leitor concreto, que facilmente formula a imagem do autor-modelo. O leitor-modelo, assim como o autor-modelo, nasce com o texto, sendo construído dentro do texto e para o texto. Esse leitor facilmente adapta-se ao estilo que lhe é proposto como também o torna possível. O leitor-modelo sabe o que o autor está falando e aceita como verdade o dito no texto.

Para ECO, há duas maneiras de percorrer um “bosque” textual ou, como ele determina, “ficcional”. Essa leitura é feita pelo leitor-modelo, classificado em primeiro nível e segundo nível. Em um primeiro nível, tem-se aquele leitor que “quer saber como a história termina” e, em um segundo nível, manifesta-se um leitor que “*pergunta que tipo de leitor a história deseja que ele se torne e que quer descobrir precisamente como o leitor modelo faz para guiar um leitor*”.<sup>3</sup>

Quanto à identificação do autor-modelo “*é preciso ler o texto muitas vezes e algumas histórias incessantemente (...) Só quando tiverem descoberto o autor modelo e tiverem compreendido o que o autor queria deles é que os leitores empíricos se tornarão leitores-modelo maduros*”.<sup>4</sup>

A princípio parece ser fácil reconhecer o autor-modelo, mas ele nem sempre é tão explícito assim. Muitas vezes ele se confunde com o autor-empírico. Atribui-se a essa com-

<sup>2</sup> Neto, 1995, p. 199.

<sup>3</sup> Eco, 1994, p. 33.

<sup>4</sup> Id. *Ibid*, p. 33.

plexidade que confunde o leitor, uma tática discursiva para dar ao texto maior veracidade. É um jogo que se estabelece entre o autor-empírico e o modelo, contribuindo para uma riqueza discursiva maior do texto.

O leitor, a princípio, parece estar oculto, abstrato em relação ao autor. Sabe-se, no entanto, que não é verdade. O leitor é construído discursivamente no campo da produção. O autor precisa formar uma imagem do leitor que ele quer para seu texto, enviar-lhe signos que situam o leitor no mesmo contexto sócio-cultural do autor. Isso se dá através de determinadas instruções discursivas ou marcas, muitas vezes implícitas ao texto, porém, identificáveis pelas pistas deixadas pelo autor no transcorrer do discurso. O leitor passa a ter um papel ativo, pois percorre os “bosques” fazendo as associações necessárias e criando diversas imagens para compreender o texto.

O “bosque” textual sempre é criado para diferentes leitores. Cada qual vai percorrê-lo e fazer associações com sua própria bagagem de vida. Pode-se devanear com o texto, no entanto, deve-se ter consciência de que ele é criado para saciar a sede de leitura de todos os tipos de leitores. Isso impede que um leitor individual procure fatos e sentimentos que só a ele dizem respeito.<sup>5</sup>

O autor pode colocar questões no texto de modo a interpelar o leitor a fazer “passeios inferenciais”.<sup>6</sup> Com isso, Eco pretende dizer que cabe ao leitor fazer caminhadas imaginárias pela sua própria experiência de vida, fazendo associações com outros textos. Essas inferências se dão, por exemplo, a partir de

perguntas indiretas que um personagem faz no texto e que se dirigem ao leitor.

Na obra “*Lector in fabula*”,<sup>7</sup> ECO afirma também que não é preciso dizer tudo em um texto, isto é, o silenciar também é significativo. Sendo assim, o que não é manifestado em superfície pede que o leitor tenha uma participação ativa no texto, dando-lhe a interpretação que desejar. Os silêncios podem ser compreendidos também como os espaços em branco ou os vazios como fala Iser em “a interação do texto com o leitor”.

Um autor tem toda a liberdade de escolher o código que vai utilizar para enunciar. Usando determinado código lingüístico, ele exclui inúmeros leitores e atrai outros. O estilo também contribui para fixar o leitorado, pois nem todo leitor se sente apto ou pronto a compartilhá-lo. Assim, antes mesmo de entrar nos “bosques” de um texto, o autor pode definir quem ele quer como leitor.

### Como se dá a Interação Texto-Leitor?

O emissor(autor), a mensagem (texto) e o receptor (leitor) são os elementos que formam o quadro comunicacional. Sabe-se que existe uma relação bem próxima entre emissor e mensagem, mas também há uma proximidade entre receptor e mensagem. Deixa-se de lado a primeira relação para dar agora maior ênfase à interação entre mensagem (texto) e receptor (leitor). Já se sabe que o campo da produção tem forte influência sobre a recepção, mas restringe-se a reflexão neste item somente à mensagem e ao receptor, segundo o enfoque que Iser lhes deu.

Entre o texto e o leitor está a leitura.

Ela é a intermediária. O texto foi elaborado com a intenção ou não de produzir certos efeitos sobre o leitor. Iser procura segmentar a interação que se instala no momento da leitura a partir de alguns aspectos dentro do texto, que são os vazios que o leitor precisa preencher para compreender o que lê e, assim, produzir um sentido ao texto e completar o quadro da comunicação.

O texto pode ser compreendido por um “sistema de combinações”,<sup>8</sup> que tem, por exemplo, o código lingüístico como representante na mensagem que é dirigida ao leitor. Este código, porém, não é completo e precisa da ajuda do leitor para completar sua significação, isto é, o código é sempre fragmentado e necessita da interferência do leitor para dotar-se de sentido. Isso justifica a escolha do título “interação texto-leitor”, dado ao texto pelo autor.

Na relação entre o texto e o leitor, este tem total liberdade para agir dentro do primeiro. No entanto, o leitor nunca vai saber com certeza se sua compreensão é a mais correta ou próxima da intenção do autor ao produzir o texto. A relação que se estabelece não é previsível, ou seja, não é certo que através da mensagem do autor se estabeleça uma sintonia com o leitor, como acontece geralmente em um diálogo entre duas pessoas. Afinal, o texto é de certa forma “passivo” e só vai tornar-se “ativo” no momento em que o leitor, através da leitura, inteirar-se dele. Um precisa do outro para completar o quadro comunicativo.

Um texto sempre vai deixar espaços vazios entre as articulações do “diálogo” com o leitor. Este, no decorrer da leitura, sente-se

desafiado a preenchê-los através de projeções, mas que não devem ser impostas para que a relação texto-leitor não perca sua qualidade interativa.

A partir de um determinado código lingüístico, um texto “diz”, mas esse dizer “parece realmente falar quando cala sobre o que censura”.<sup>9</sup> Jamais um texto vai trazer tudo o que o autor gostaria de dizer. Não faz sentido para o leitor receber o que é censurado. Haveria conflitos que poderiam causar situações constrangedoras entre o campo da produção e o da recepção.

Um texto, como já foi dito antes, é um sistema de combinações, construídas pelo autor. Porém, quem faz a última combinação é o leitor. Por isso, deve haver um lugar para ele dentro desse sistema. O espaço que o leitor preenche é “dado pelos vazios no texto”,<sup>10</sup> que vão ser preenchidos com base nos conhecimentos de mundo do leitor. O mesmo acontece com as negações formadas pelos cortes do texto. Elas provocam o leitor a se situarem dentro dele. Os *vazios* e as *negações* são, em suma, “instâncias de controle”<sup>11</sup> que determinam como deve ser o processo de interação entre texto e leitor.

Para explicitar melhor o que se entende por *vazios*, é preciso compreender anteriormente que qualquer texto tem como função a comunicação, mas esta só irá se concretizar quando o leitor tiver compreendido os pontos que ficaram indeterminados. Nesse caso, por indeterminação compreende-se o resulta-

<sup>5</sup> Conforme Eco, 1994, p. 16.

<sup>6</sup> Eco, 1994, p. 56.

<sup>7</sup> Eco, 1996, p. 36.

<sup>8</sup> Iser, 1979, p. 91.

do da “*função comunicativa dos textos ficcionais e, como esta função é realizada por meio das determinações formuladas no texto, esta indeterminação, à medida que textualmente ‘localizável’ não pode deixar de ter uma estrutura. As estruturas centrais de indeterminação no texto são seus vazios e suas negações. Eles são as condições para a comunicação, pois acionam a interação entre texto e leitor e até certo nível a regulam*”.<sup>12</sup>

Os *vazios* derivam dessa indeterminação do texto. Mas o que vem a ser um *vazio* em um texto? Como são esses *vazios* textuais? Qual sua estrutura funcional? Respondendo a essas três perguntas, consegue-se abordar o básico que Iser expõe sobre os *vazios* em um texto.

O *vazio* constitui-se basicamente na quebra ou interrupção da coerência do texto. Quando não chega ao extremo de adotar a incoerência, apela para a interrupção das articulações de seqüência. É por isso que o *vazio* instiga e aguça a imaginação do leitor. Faz com que ele vá buscar na sua vivência de mundo informações específicas ou pelo menos aproximadas para representar o objeto intencionado do texto. Quando o leitor conseguir preencher de alguma forma estes *vazios* é que se dá a significação.

Os *vazios* permitem que o leitor construa imagens em dois níveis. Uma imagem corresponde a um *vazio*, o que representa a imagem de primeiro nível. Quando, no entanto, essa imagem não corresponde mais às expectativas que a primeira imagem propôs, o leitor passa a formar outra imagem em substituição à primeira. Esta corresponde à imagem de segundo nível. Sendo assim, quanto maior o número de *vazios* em um texto, maior será o

número de imagens que o leitor irá construir, sempre uma em substituição à outra ou em aperfeiçoamento da outra.

Em um texto podem aparecer *vazios* que dificultam a formação de imagens. Isso depende do que o texto diz, do tipo de *vazios* que são propostos e da capacidade que o leitor possui de formar imagens a partir de seu conhecimento de mundo. Quando isso acontece, o leitor se força a abandonar imagens já formadas para criar outras, que muitas vezes estão fora do conhecimento habitual, porém, elevam a criatividade do leitor, instigando-o a buscar sempre novas experiências e novos conhecimentos.

Um *vazio* tem como objetivo criar um objeto imaginário, mas que é peculiar a um determinado texto. Só podemos defini-lo, contudo, entrando no “bosque” textual e seguindo os caminhos que ali estão sugeridos pelos indícios deixados pelos *vazios*.

Independente da tipologia textual, os *vazios* se manifestam de diferentes maneiras. Eles são, de certa forma, propriedade do campo da produção, porém, depende do autor sua criatividade para introduzi-los ao texto, seja intencionalmente ou não. De acordo com ISER, pode-se citar, por exemplo:

a. *Vazio* por omissão: o autor, por meio de um personagem, em uma narrativa, emite o seguinte enunciado: “Meu pai tem 70 anos”. Ter 70 anos implica em um *vazio*. O leitor, através da imaginação, visualiza este pai, que pode ser grisalho, corcunda, cheio de rugas, enfim, o leitor imagina um homem como ele en-



xerga um velho, sem que o texto diga como deve ser.

b. *Vazio deixado pela introdução:* é na introdução que o texto conquista e define seu leitor. Por isso, o autor utiliza determinadas estratégias para lograr o leitor para dentro do texto. Se na produção o autor faz referência a algo já dito em outra oportunidade, ele instiga o leitor a voltar no tempo e imaginar do que se tratava. Isso leva o leitor a pensar que, o que está por vir, tem alguma ligação, deixando-o curioso e prendendo-o à leitura. Pode-se dizer que suposta vivência de mundo do leitor, deixada pelo autor em um *vazio* na introdução, atrai-o para o “bosque”.

c. *Vazio por detalhamento:* quando um texto apresenta uma infinidade de detalhes, também existe a presença de um *vazio*. O leitor, acompanhando os detalhes, vive os fatos e revive imaginariamente as suas próprias experiências. Assim, ele passa a construir imagens que o ajudam a resolver, por exemplo, um conflito travado por personagens em uma narração, mesmo que só através da imaginação. É possível também projetar a situação para alguma experiência própria, resolvendo até um problema ou situação pessoal.

d. *Vazio através do corte ou pequenas pausas:* cortar uma informação é exigir que o leitor forme uma imagem

somente com o que recebeu. Isso pode se dar através da quebra de um capítulo ou até através de reticências. O autor pode também estar descrevendo um fato ou um lugar e repentinamente introduzir um novo espaço, uma nova ação ou, ainda, uma nova personagem à história. Isso é comum e instiga o leitor a fazer alguma mudança em suas imagens. Quanto à pausa, pode-se dizer que ela é um *vazio* adicional ao *vazio* que já existe no texto, o que não quer dizer que sua qualidade seja melhor do que a do *vazio* instalado no próprio texto.

e. *Vazio por mudança de assunto:* pode ser considerado uma quebra da coerência do texto, mas às vezes é intencional, pois é uma forma de levar o leitor a parar a leitura e refletir sobre a mudança que aconteceu.

f. *Vazio através do diálogo:* o diálogo a que se refere aqui é o que se dá entre os personagens de uma narrativa. Ele leva o leitor a sentir-se distante ou fora do texto, mas se ele for atento, o que está sendo dito pelos personagens pode deixar *vazios* que obrigam o leitor a pressupor ou subentender certas situações e idéias, construindo imagens a partir desse novo recurso discursivo.

Como existem inúmeros vazios em um

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 90.

<sup>10</sup> Iser, 1979, p. 91.

<sup>11</sup> Iser 1979, p. 91.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 106.

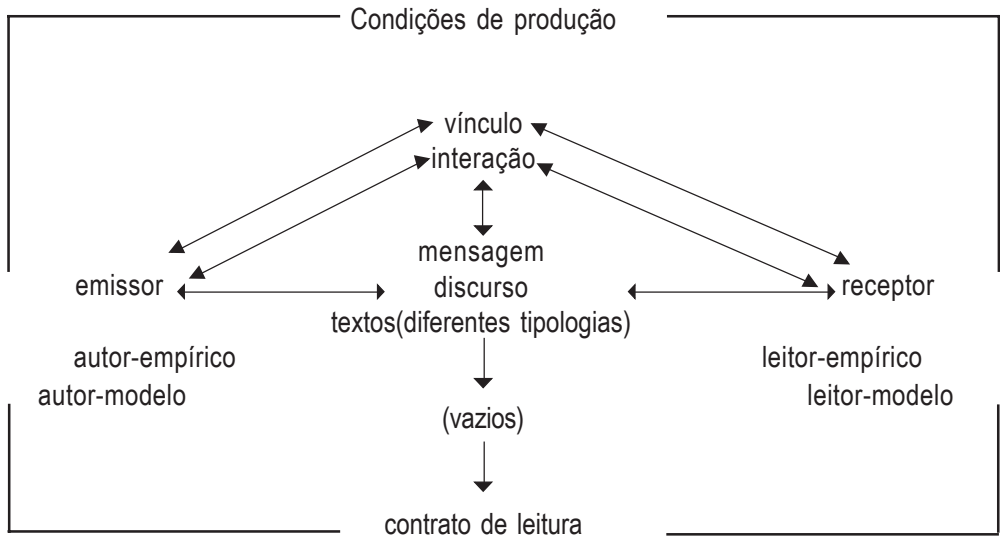
texto, ele pode ter também inúmeras funções, sejam elas apenas informativas ou até ideológicas. Quanto à ideologia, tem-se um vasto campo de trabalho e, por isso, não se pode assumi-lo no momento.

Explora-se a questão dos vazios para fins diversos. Para interesses publicitários, comerciais, políticos, doutrinários, entre outros. Logo, independente da tipologia (narração e argumentação, por exemplo), através dos vazios, o texto vai atender sempre aos apelos sociais, institucionais, ideológicos ou de gênero e cumprir o seu papel: produzir efeitos de sentido.

Até aqui já se pode ver que a presença de *vazios* não são mera interrupção. Eles instigam a imaginação do leitor, dão uma significação peculiar ao texto e contribuem na formação da sua estrutura. O dito comunica, mas o *vazio* que se instala entre o que se diz, comunica muitas vezes até mais. É com os *vazios* que o sentido de um texto muda após cada leitura, podendo até censurar e, por isso, significar cada vez mais ou muito mais.

Os *vazios* são, em última instância, a motivação do leitor. Eles o guiam e o instigam a construir, ao lado do dito, a significação. Enfim, o *vazio* aguça a imaginação e contribui para que o leitor formule conceitos, imagens, faça referências e dê uma significação ao texto, completando o quadro comunicativo.

Nesta exposição, percebe-se que existe uma verdadeira interação entre todos os elementos do esquema comunicativo, não só entre o texto (mensagem) e o leitor. O quadro abaixo esquematiza essa interação.



## Considerações Finais

Muitos autores falam da relação emissão-mensagem-recepção e dos elementos que mediatizam a comunicação, mas acredita-se que dificilmente se dirá tudo, pois a comunicação é excepcionalmente audaz, de modo que nunca se sabe tudo sobre a sua formação.

Os textos de Eco e Fausto Neto são bastante acessíveis, porém, o texto de Iser é bastante denso, merecendo várias leituras e estudos cuidadosos, pois também ele é repleto de *vazios*.

Quanto aos vazios, parece que sempre ficam lacunas a serem preenchidas, mesmo que a busca seja incessante. Quando se consegue preencher um, surge logo outro que, muitas vezes, modifica toda a estrutura imaginária em vigor até então. Acredita-se que isso seja próprio de cada texto e que, devido à fácil capacidade de um indivíduo ser levado pela imaginação, isso seja normal. Dessa forma, nunca se fará a leitura de um mesmo texto com a mesma interpretação, o que enriquece e amplia a significação. O processo comunicativo,

então, expande-se cada vez mais, permitindo que os estudos a respeito não cessem nunca.

Percorrer um “bosque” textual observando os *vazios* é uma possibilidade de se compreender melhor as diferentes tipologias textuais. Eles permitem enxergar o que em uma primeira olhadela não é visível. Por outro lado, os diferentes autores permitem que se busquem informações sobre as *condições de produção* de um texto e com os diferentes leitores pode-se firmar desde a produção o *contrato de leitura* a ser estabelecido. Essa riqueza interativa entre emissor-mensagem-receptor é imprescindível na construção da significação e o vínculo entre emissor e receptor não pode ser evitado. Por isso, já na produção deve-se ter em mente, além do objetivo a ser atingido com o texto, também um possível sentido que possa ser dado a ele. Tem-se através desta exposição, portanto, um poderoso instrumento de sedução e persuasão textual e passa-se a contribuir para a riqueza dos discursos. ■

## Referências Bibliográficas

- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. “O leitor-modelo”. In: *Lector in Fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986, pp. 35-49.
- FAUSTO NETO. “A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção”. In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995, pp. 189-222.
- ISER, Wolfgang. “A interpretação do texto com o leitor”. In: *A literatura e o leitor*. Luiz Costa Lima (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 83-131.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas” (1975). In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990, pp. 163-171.